

Alguns haicais

(ou quase) ... e outros poemas curtos



Carlos Alberto Suniga dos Santos

 **Pedro & João**
editores



**Alguns haicais (ou quase)
... e outros poemas curtos**



Pedro & João
editores

Carlos Alberto Suniga dos Santos



**Alguns haicais (ou quase)
... e outros poemas curtos**


Pedro & João
editores

Copyright © Carlos Alberto Suniga dos Santos

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Carlos Alberto Suniga dos Santos

Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 85p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0152-8 [Impresso - 2022]
978-65-265-0423-9 [Digital] – 2023]

1. Haicai. 2. Poemas curtos. 3. Autor brasileiro. 4. Literatura. I. Título.

CDD – 800

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

Para *Ismael Cury (in memoriam)*,
Natividade Dias Cury,
Francisco Gonçalves Quiles (in memoriam),
Rômulo Giácomo de Oliveira Fernandes,
Adriana Cristina Cury e Sônia Mara Nita;
obrigado pelo apoio, incentivos e
oportunidades em diversos momentos de
minha trajetória!!!

Sumário

Apresentação	11
Rômulo Giácomo de Oliveira Fernandes	
Alguns haicais (ou quase)	15
I, II, III, IV, V	17
VI, VII, VIII, IX, X	18
XI, XII, XIII, XIV, XV	19
XVI, XVII, XVIII, XIX, XX	20
XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV	21
XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX	22
XXXI, XXXII, XXXIII, XXXIV XXXV	23
XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XL	24
XLI, XLII, XLIII, XLIV, XLV	25
XLVI, XLVII, XLVIII, XLIX, L	26
LI, LII, LIII, LIV, LV	27
LVI, LVII, LVIII, LIX, LX	28
LXI, LXII, LXIII, LXIV, LXV	29
LXVI, LXVII, LXVIII, LXIIX, LXX	30
LXX, LXXII, LXXIII, LXXIV, LXXV	31
LXXVI, LXXVII, LXXVIII, LXXIX, LXXX	32
LXXXI, LXXXII, LXXXIII, LXXXIV, LXXXV	33
LXXXVI, LXXXVII, LXXXVIII, LXXXIX, XC	34
XCI, XCII, XCIII, XCIV, XCV	35
XCVI, XCVII, XCVIII, XCIX, C	36
CI, CII, CIII, CIV, CV	37
CVI, CVII, CVIII, CIX, CX	38
CXI, CXII, CXIII, CXIV, CXV	39
CXVI, CXVII, CXVIII, CXIX, CXX	40

... e outros poemas curtos...	41
O relógio, Mosaico, Escrita, Mudez	43
Ausência, Anteprojeto, Rotina, Aliteração	44
Incerteza certa, Desejo, Preceito, Dúvida geométrica	45
Sinfonia, Divagação, Tempo de chuva, Limite	46
Axioma, Deferência, Desejo marinho, Madrugada insuficiente	47
Cronologia, Poética, Noite, Escrita II	48
Parole, Memória fluvial, Infância, Singularidades	49
Isto, Constatação, Divagação, Poética n. 2	50
Deep blue, Chuva, Ociosidade, Forma	51
Instante, Isto n.2, Legado, Gaia	52
Plenitude, Intermitência, Constante fluvial, Desejo n.2	53
Desabafo, Anunciação, Superficial, Tempo, Embate	54
Útero, Espelho, Dádiva, Premissa	55
Modernidade, Solidão, Recompensa, Gaia n.2, Drummondeando	56
Presente, Verso, Plexus, Noturno	57
Trajetória, Aroma, Enlace, Mantra, Rosa dos ventos	58
Autorretrato, Passagem, Percurso, Teoria da recepção	59
Mecânica biológica, Poente, Arrebatamento, Lua	60
Legado n.2, Constante, Epifania, Êxtase	61
Dimensão, Diálogo, Poética n. 3	62
Inexorável, Axioma n. 2, Ideia, Percurso n. 2	63
Cotidiano, Quarar, Cronologia n. 2, Ocaso	64
Deserto, Física, Noturno n. 2, Toada	65
Monotonia, Ametista, Dúvida linguística	66
Direção, Travessia, Momento, Instante n. 2	67
Quimera, Destino, Transcurso, Bio	68
Instante n. 3, Instante n. 4, Rio-tempo, Lição	69
Futuro, Origami, Talvez, Artefato	70
Pixel, Poeticamente, Nostalgia, Destino n. 2	71
Poética n. 4, Luar, Te(n)são, Soturno	72
Ser poeta, Ausência n. 2, Coisa breve, Signo	73

Oceano, Rotina n. 2, Oceano n. 2, Desejo n. 3	74
Noturno n. 3, Delírio, Cronos	75
Enleio, Caminhada, Metamorfose	76
Oriente, Sentença, Cosmologia	77
Estado emocional, Urber, Constatação n. 2	78
Futuro do pretérito, Embate n. 2, Constante n. 2, Esperança	79
Anseio, Esperança n. 2, Transitoriedade, Abismo	80
Intermitência n. 2, Futuro n. 2, Estação, Putas vadias	81
Sabedoria, Moira, Navegação, Um dia	82
Aprendizagem, Imortalidade, Perspectiva	83
Noturno n. 4, Interrogação, Constância, Possibilidade	84
Oferta, Projeto	85

Apresentação

Rômulo Giácomo de Oliveira Fernandes¹

Uma boa forma de apresentar este Livro é entendendo um pequeno átimo da obra fundamental do poeta Carlos Alberto Suniga dos Santos e de sua construção enquanto artista. Livros são projetos realizados a partir de sonhos pessoais, mas na medida em que se tornam obras artísticas com qualidade e autenticidade, perpassam o individual e tornam-se produto coletivo.

Assim ocorreu com *“Imago... e outros poemas”*, livro de 2002. Talhado pela reflexão estética, esse primeiro livro do poeta com que tive contato profundo é uma aula de teoria literária; didático, reflete em si mesmo a autoria, a escrita e a poesia em forma e materialidade discursiva. O olhar poeta/ professor lança sobre a produção, em terras rondonienses, uma de suas melhores obras poéticas, obra de recuperação, desenlace e realização. Na multiplicidade da forma e do metapoema, implica constructo de força maior, lido na academia e discutido em sua importância. O interior de Rondônia vivia uma produção poética referencial, com muitas obras datadas e marcadas pela personalidade poética. Suniga com seu *“Imago... e outros poemas”* extrapola os limites e faz história.

¹ Professor Dr. da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Vilhena/RO.

Mas era possível antever em *“Imago... e outros poemas”* uma semente. O diálogo da imagem, do som e da palavra murmurava e passou a ser projeto futuro imprescindível para Carlos Alberto Suniga dos Santos. E, em uma sociedade *verbovocovisual*, esse diálogo da palavra com a imagem, as espacialidades e o isomorfismo entre esses elementos nos levariam a um patamar superior da obra do poeta. Teríamos, então, em 2021, um Carlos Alberto Suniga dos Santos concreto, experimental. Foi assim que tive o privilégio de apresentar *“Tipografia - versos e experimentos verbo-visuais”* ao mundo. Aqui o poeta decide e aposta nos experimentos verbais e não-verbais como condutor de sua arte. O domínio da técnica e a criatividade temática torna essa obra um fluxo incontido de tematizações além dos domínios habituais da poesia que impera em nossa região, tornando-a um marco amazônico, que deve ser lida pela perspectiva de realização atemporal. Mais uma vez, você leitor, deve ler *“Tipografia - versos e experimentos verbo-visuais”* e pegar o canto de galo tecendo a manhã de *“Imago... e outros poemas”*, e nesse pequeno fio de sol, iniciar o entendimento de uma obra poética em construção.

Nesse parágrafo, um segundo antes de apresentar a obra *“Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos”*, peço licença para problematizar sobre a diferença entre escrever um livro e construir uma obra. Alguns falam que os livros decidem por si aderirem, agrupar, combinar para construir uma ideia de obra, um fio condutor que determine um todo. Outros que o artista já tem em mente esse caminho e vai seguindo, um projeto amplo desde o nascimento, com percalços e desvios; mas

a obra vai se moldando e tomando volume e forma. Seja qual for a hipótese, a obra poética de Carlos Alberto Suniga dos Santos tem sido moldada e constituída nesses 20 anos de produção.

É quando chegamos em *“Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos”*. A força poética dessa obra é incomensurável. Dimensionalmente o haicai é um poema técnico, delicado, que exige conhecimento e criatividade. Como um brinquedo lúdico de montar, suas conexões são as sílabas e sua sonoridade, materializada em moldes determinados, mas que precisam dialogar perfeitamente com a sensibilidade semântica. A harmonia entre a face significativa e a face polissêmica exige o máximo da função poética; é preciso comentar sobre essa necessidade hercúlea de *“Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos”* em realizar esse trabalho, o que torna difícil apontar um caminho único de leitura dessa obra.

Existem grupos de haicais que implicam aromas e nuances sensoriais; já outros caminhos de leitura nos oferecem sensibilidade racional, leves pensares sutis, como notas de piano ou mais gravemente percussão. Difícil condicionar uma leitura, mas a experiência de ler um haicai bem construído é única. E deve ser realizada do modo que a intuição e a percepção exigirem.

É complexo concretizar um ponto final na leitura de *“Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos”*. Acredito sempre estar lendo e deixarei ele sempre próximo, para manter o contato, tanto para aplacar minha sede de sensibilidade, quanto como forma de sempre contactar a experiência da criação.

Pode ser que sim, uma obra possa ser um projeto pensado, e Carlos Alberto Suniga dos Santos venha desafiando algo sólido por puro planejamento. De todo modo, “*Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos*”, como sempre, irá demarcar mais um posicionamento na poesia produzida e consumida no Norte, como em todo Brasil, e deve ser lida e apreciada em sua totalidade.

Concluo essa apresentação deixando esse recorte do livro que me marcou muito e me fez pensar deveras sobre a arte de escrever e as subjetividades envolvidas.

Aprendizagem

*Dos versos que faço,
poucos, ou quase nenhum,
será poesia;
mas sua escrita me ajuda,
todos os dias
a suportar um pouco mais a vida.*



Alguns haicais (ou quase)

I

Dias sem fim e afora,
a vida corre em tumulto
nas pequenas horas.

II

O poente se esconde
numa fina linha tênue,
final do horizonte.

III

No silêncio do ovo,
pela seiva amarelada,
a vida é moldada.

IV

Pelo alto da noite,
no abismo da rua deserta,
a solidão impera.

V

No brilho do sol,
oculto nas brancas linhas,
o arco-íris caminha.

VI

Um rio de silêncio
vaza, na madrugada;
depois, do sonho, nada.

VII

Em verde oscila,
pela luz vertida em vida,
som de clorofila.

VIII

Na luz dos faróis,
em vão, nossos dias serão
como tristes sóis.

IX

Oculto na solidão,
a luz fria, da sombra espia;
meu olhar na amplidão.

X

Feito inexorável,
batendo a todo momento,
viaja o pensamento.

XI

Triste essa canção,
como noite desdobrada
na fria escuridão.

XII

Na mesa disposta,
cores reduzidas numa
natureza morta.

XIII

Brilho na retina
de inalcançáveis estrelas,
me lembram centelhas.

XIV

De magenta vai,
no fio da tarde explodindo;
um ocaso mínimo.

XV

No relógio agora,
entre os silêncios das horas,
um instante mora.

XVI

Na cinza planície,
de vermelho toldado,
um ocaso vago.

XVII

Brilho no céu escuro;
em reluzente pingente;
estrela cadente.

XVIII

Uma saudade tanta,
em turvas horas noturnas;
solidão derrama.

XIX

Memórias das horas,
tragadas pela rotina,
escorrem vazias.

XX

Desejo de nuvem
cruzando mares ao léu,
naufrega no céu.

XXI

Pelos dias de outono,
explodindo pelo céu,
paineiras ao léu.

XXII

Pela primavera,
cigarras cantam aromas
pela úmida terra.

XXIII

Som de primavera,
vibrando nas ocas cascas,
das cigarras, escapa.

XXIV

À margem do céu.
num horizonte naufraga
um ocaso em véu.

XXV

Vaza lento o tempo
por sobre a muda montanha,
solidão tamanha.

XXVI

Em gotas de orvalho,
nas folhas duma roseira,
a vida veleja.

XXVII

O pomar verdeja,
o tempo em seu curso ruindo,
grinaldas florindo.

XXVIII

Opaco cristal
é meu triste olhar perdido,
um ponto final.

XXIX

Noite de maresia,
a lua cheia sobre a areia
de onda se fantasia.

XXX

Sobre tristes flores,
borboletas evaporam
a vida em cores.

XXXI

Momento despido
pelos instantes das horas,
no ponteiro rola.

XXXII

Horas de dezembro,
pelo relógio perdidas,
som de despedidas.

XXXIII

Neste olhar perdido,
entre a paisagem e a janela,
desejo veleja.

XXXIV

Como num mosaico,
dentro deste meu olhar raso,
tudo é fragmentado.

XXXV

Lua no céu, escuro,
e, debaixo das estrelas,
me pego noturno.

XXXVI

Arco-íris fluindo;
no silêncio da crisálida,
uma gema alada.

XXXVII

Sobre a areia da praia,
o tempo tudo desmancha
em memórias, conchas.

XXXVIII

Pela vã rotina,
vazando na tarde pouca,
um bocejo soa.

XXXIX

Goteja, ligeira,
dentro da paisagem mínima
uma saudade ínfima.

XL

Silêncio de ausência
ocupando as horas lassas
na tarde que não passa.

XXI

Tela inculcada;
na superfície do lago,
uma carpa vaga.

XXII

Solitária lua,
que me ensina, por sua sina,
a amplidão da rua.

XXIII

Simples e dormentes,
ressoam pela escura noite
memórias do poente.

XXIV

De amarelo denso,
acordando o lasso dia,
um sol principia.

XXV

Do fundo da mata,
ruído de casca vazia
cigarra anuncia.

XLVI

O ocaso se esconde
entre os silêncios das cores;
num fim de horizonte.

XLVII

No brilho da aurora,
como eco de nostalgia,
um dia se anuncia.

XLVIII

Sólida montanha!
Como tristes são tuas horas,
e a solidão tanta.

XLIX

Em sorte lançada;
despetalam-se na vida
brancas margaridas.

L

Turva rua enluarada...
Num lampejo de desejo,
finda a madrugada.

LI

Noite esfumada,
sonhos natimortos caem,
pela madrugada.

LII

Silvo pela noite,
oculta em meio a doce açoite;
a tristeza irrompe.

LIII

Flores explodindo...
sobre mim pousa um jardim,
em verde sorrindo.

LIV

De asas coloridas,
pelo jardim evaporam
ponteiros do dia.

LV

A porta entreaberta
lembra o espaço amplo da rua,
e da noite a lua.

LVI

Do silêncio voa,
um segundo depois da hora
que o tempo devora.

LVII

Toda vida é risco...
Princípio, ou precipício;
frágil obelisco.

LVIII

Perfume de seda
num galho de cerejeira,
em branco goteja.

LIX

Das horas sem fim,
batem minutos além;
e depois, améns.

LX

Olhos com que vejo,
no espelho partido ao meio,
do passado aceno.

LXI

Discurso do tempo,
pela concha envelhecida,
na pérola brilha.

LXII

Aroma de chuva...
Nas margaridas floridas,
explodem os dias.

LXIII

Correndo, o tempo,
como não mais o de agora,
senão o além outrora.

LXIV

Tempo de verão;
pela casca da cigarra
esvai-se a estação.

LXV

Tudo quanto passa,
passa tanto quanto basta
em tudo que se acha.

LXVI

De silêncios gritam,
pelos infinitos tempos;
esparsos momentos.

LXVII

Aquele que foi,
e o outro que ainda está por ser
brigam com o que é.

LXVIII

Quando o corpo vibra,
em tremor de amor, oscila,
e em tumulto, clima.

LXIX

Cereja, no bolo;
a faca, em lasca, rondando
e sua carne espreita.

LXX

Visão incalculada...
No vazio largo do estio
dormem madrugadas.

LXXI

Flor de laranjeira,
frágil aroma de branco
sobe da fruteira.

LXXII

Noite voando fria...
Na vazia parede, um olho,
do passado espia.

LXXIII

Instante do agora,
e no esteio do sonho anseio
ocaso das horas.

LXXIV

Pelo esquecimento,
navegam dentro do além,
os meus pensamentos.

LXXV

Onda evaporando;
sereia, na areia de uma praia,
em sonhos, arqueja.

LXXVI

Na manhã imprecisa,
pouca luz densa reluz,
acordando o dia.

LXXVII

Na folha a palavra
esculpida, como a vida,
no dia a dia nutrida.

LXXVIII

Hora prometida;
sina a que tudo destina,
toda e qualquer vida.

LXXIX

A minha miopia
sempre é querer tudo reto,
até a oblíqua a vida.

LXXX

Som de madrugadas;
nas rasas sombras das casas;
saudades caladas.

LXXXI

Esse meu defeito
de estar certo o tempo todo
vazio é de um mundo oco.

LXXXII

Açoite de inverno
varrendo o calor do dia,
sono a rua esvazia.

LXXXIII

Nas ruas das cidades,
muros e postes históricos
quaram as saudades.

LXXXIV

Fim de tarde pouca;
uma preguiça gigante
me escancara a boca.

LXXXV

Formigas seguindo
sempre no mesmo traçado.
Eterno trabalho.

LXXXVI

Tumulto de sono
invadindo as horas lentas,
só um sofá acalenta.

LXXXVII

Da miséria alheia,
só valem as esmolas poucas;
caridade rasa.

LXXXVIII

Inscrita na folha,
desfolhando-se, palavras
sobre a linha voam.

LXXXIX

Tempo de saudade;
feito denso dia de inverno,
imobilidade.

XC

No silêncio da hora;
num adverso instante incerto;
um lamento chora.

XC I

Ah! Simples palavras!
De sentidos só reunidas
quando da obra lida.

XC II

Cadeira na sala,
vazia de outras agonias,
feito ausência fria.

XC III

Alguém é, por certo,
sempre o primeiro, eu não.
Chego derradeiro.

XC IV

Tudo passa neste
absurdo mundo do agora;
vai-se tudo embora.

XC V

Quero a poesia certa;
que inaugura em signo obtuso
e a palavra infecta.

XCVI

No cheiro de sinos
que replicam sua batida
naufragam as vidas.

XCVII

Assim corre o dia,
entre as pequenas tristezas
e curta alegria.

XCVIII

Explosão de vida
soa quando densa estrela
como plasma voa.

XCIX

Ardendo em mil sóis,
vão se matando as galáxias
qual velhos faróis.

C

Bem além se esconde
a noite, pelo horizonte
do noturno poente.

CI

Toque de silêncio,
pela cama em colapso,
explode em orgasmo.

CII

Penumbra de noite
na insônia do longo dia,
em sonhos declina.

CIII

Pela noite adversa,
nenhuma cama conserta
uma insônia incerta.

CIV

Silêncio de areia
quebrando na praia vazia;
na onda principia.

CV

Velhice compensa
nítida ausência de força
pela paciência.

CVI

Desmanchando a tarde,
em cada gota vertida,
a chuva me invade.

CVII

Fio de água nascente
escorrendo na veia líquida;
em mina crescente.

CVIII

Silêncio de sono,
correndo a casa vazia,
a cama ilumina.

CIX

Sopro de verão
incendiando o lasso dia,
pela tarde finda.

CX

Noite aveludada,
vagam sonhos natimortos
em casas deitadas.

CXI

Silêncio de quarto,
por entre as fronhas vazias,
o sono se aninha.

CXII

Por dentro das ondas,
na espiral do esquecimento,
esconde-se o tempo.

CXIII

Ocaso da luz
abrindo a noite infinita,
lembrando ainda o dia.

CXIV

Cheiro acre de chuva
penetrando pela terra
sementes desperta.

CXV

Textura de inverno
soprando pela colina,
sono prenuncia.

CXVI

Alguma poesia,
agora, oculta mora,
no adverso das horas.

CXVII

Tarde de um outono;
quem sabe em um travesseiro
de noite me ponho.

CXVIII

Raso e delicado,
seu amor é triste gesto,
fragmento apagado.

CXIX

No percurso incerto,
trilha, entre o espinho e a rosa,
o perfume aflora.

CXX

No catre da cesta,
frutas sobre a mesa postas:
natureza morta.



... e outros poemas curtos

O relógio

Pelos galhos
das laranjeiras,
o vento move
invisíveis
ponteiros brancos;
marcando as horas
derradeiras.

Mosaico

Ser assim,
barco sem vela,
mar sem fim.
Ser, sendo; assim,
único e vários,
uno e os outros
dentro de mim.

Escrita

Quando a palavra
se inscreve (escreve)
na possibilidade tênue da linha,
a ideia deriva à beira do abismo.
Depois, curvada à lima,
explode na linha.

Mudez

Oca, a casca da cigarra
é rouca.

Ausência

Divagar é sair.
De si mesmo partir;
sobre si mesmo existir.

Anteprojeto

Todos buscam
um canto,
recanto,
um ponto de saída.
Poucos buscam
um encanto,
encontro,
um pouco
de poesia.

Rotina

As coisas vêm,
as coisas vão;
e as coisas,
às vezes,
não têm direção.

Aliteração

Se em si
se consomem
silenciosos sinos,
em ti tocam
estridentes atinos.

Incerteza certa

Às vezes me acho.
Às vezes me perco.
Às vezes me tomo.
Às vezes me esqueço.
Mas sempre acordo
quando adormeço.

Desejo

Sob este silêncio branco
que é a Lua,
percorro a cidade
na ausência tua,
como quem
navega dumas
num mar de areia
como quem anseia
ver-te, sereia.

Preceito

Preconceito;
ocaso da tolerância.

Dúvida geométrica

Entre a linha
e o ponto
há encontro?

Sinfonia

Inverno, verão:
pelo céu as andorinhas
é que orquestram
a estação.

Divagação

Da lua, esse brilho incerto,
sombra de saudade
que tudo torna deserto.
E o silêncio da noite,
rouco, soa
como um suspiro
que, abrindo asas,
voa.

Tempo de chuva

Quando chove,
minhas saudades
evaporam;
consumindo segundos,
minutos;
e todas as minhas vontades.

Limite

Esse teu olhar
incerto, distante;
é o que nos separa
do agora ao adiante.

Axioma

Entre o vale e a montanha,
há o silêncio,
linguagem do tempo,
com que só os sábios
se comunicam.

Deferência

Entendo os intrometidos;
mas aviso: nada a fazer?
Dediquem-se aos coquinhos.

Desejo marinho

Ser mar,
concha e areia;
espuma de onda
que na praia arqueja.
E, entre cristais de sal,
ser ente marinho, sereia.

Madrugada insuficiente

Nem mesmo
a madrugada
é tão ampla
para conter,
em si,
toda esta
minha solidão.

Cronologia

A cada instante,
pelos ponteiros
do relógio impreciso,
escapa um momento ínfimo,
lembrando-me o que é
o infinito.

Poética

Pela linha infinita
da folha em branco,
a rima sempre me
é acontecimento;
um novo olhar,
um sempre novo
espanto.

Noite

Não está certo,
se é a noite que caía
ou se sou eu
que me levanto.

Escrita II

Poesia é fogo,
fátuo ou físico,
que para alguns é lume
para outros, abismo.

Parole

A fala deforma a forma,
dá forma à forma
e, de toda forma,
a transforma.

Memória fluvial

No rio
todas as memórias
são feitas de desafios;
às vezes lenta
ou abruptamente;
inscrições de enchentes,
e de vazios.

Infância

Quando menino,
meus sonhos
eram somente
os amarelados frutos
caindo de velhas mangueiras.

Singularidades

Nós somos
sóis moribundos,
promessas de supernovas.
Seremos quasares, pulsares
ou apenas buracos negros?

Isto

Nenhum silêncio me basta
quando a palavra falta.

Constatação

Não ter assim
um destino certo
dá pra gente
a oportunidade
de ser mais
ES (X) PERTO.

Divagação

Há, pela paisagem,
um pouco de silêncio,
um pouco de ausência
que a tudo envolve
numa tênue
e inexorável
dormência.

Poética n. 2

Entre uma e outra palavra,
o verso é possibilidade
que prospera;
quando às vezes se urra,
e noutras, se erra.

Deep blue

Mesmo que não seja turquesa,
mesmo que não seja anil;
esse brilho nos teus olhos,
tem o deep blue de um céu de abril.

Chuva

Chove uma ausência tanta
que a amplitude
torna pouca.
Um correr de horas,
lento e inerte,
como uma lembrança
ainda rouca.

Ociosidade

A fumaça do cigarro
não esconde
as memórias
que teimam em existir.

Forma

Num desenho oblíquo,
o tempo esculpe nos seixos
seu sentido inexorável
de infinito.

Instante

Agora,
quase tudo,
quase nada;
o dia vai longe
e a noite é só
mais uma estrada.

Isto n.2

Do nada que penso
ou sinto, me fica
um instante qualquer,
que isto principia.

Legado

Pendurei no futuro
todos os meus sonhos.
Esse é meu projeto,
meu patrimônio;
estar sempre desatento,
às vezes alegre,
noutras, tristonho.

Gaia

Orbi azul
a que chamamos terra,
humana criatura em ti prolifera.

Plenitude

Seu corpo desnudo,
tem a forma plena;
das curvas de um arco-íris
repousando num céu;
cheiro e toque de açucena.

Intermitência

Seja pela vazante ou pelo vazio,
correm os ponteiros das estações
pelo círculo vicioso do rio.

Constante fluvial

O rio vai
em memórias diluídas;
suspiros e ais,
chegadas e partidas.
O rio vai,
como sempre vai,
a vida.

Desejo n.2

Estrelas;
desejo de tê-las
impressas
na palma da mão,
como marcas,
numa digital impressão.

Desabafo

Um e outro travando-me,
sem (o meu) destino;
cuidem de si mesmos...
catando coquinhos.

Anunciação

Anjos caídos,
nefilins surgindo.

Superficial

Raso e delicado,
seu amor é triste gesto,
fragmento de inútil momento,
apagado.

Tempo

Dádiva ou dívida;
Saturno me rouba aos poucos
memórias minhas.

Embate

Em mim, batalham
titanicamente Ariel e Calibã;
como uma rotina incessante,
um infinito e residual afã.

Útero

Sonho de azul
que no Cosmos paira,
feito sonho de vida;
nave Gaia.

Espelho

Sempre no passado,
diante de ti,
me vejo
o outro que fui,
não o que me tenho achado.

Dádiva

Num banco de praça,
depois da vazia rotina;
sento-me e olho, com alegria,
para dentro de mim mesmo;
enquanto silencioso,
um ocaso me acaricia.

Premissa

Viver é esse instante;
momento ínfimo,
entre o aqui
e o distante.

Modernidade

Utopia;
ópio ou miopia?

Solidão

Ausência de vozes
pela triste casa vazia;
no silêncio agora,
rondando as distantes horas,
minha esperança caminha.

Recompensa

Semana pesada...
naufrago cansaços
numa cerveja gelada.

Gaia n.2

Ventre azul, orbi
de orgânicas moléculas;
senhora de toda vida,
deusa Terra.

Drummondeando

Aos que me são pedras,
bem no meio do caminho;
vão catar coquinhos.

Presente

Fim de tarde;
no ocaso difuso,
entre o incêndio das cores
nossas mãos unidas
num abraço ardem!

Verso

Quando te diviso,
linha em branco,
sentidos explodem,
na letra e no som, encontro.
O verso nasce
feito sonho.

Plexus

Pele enluarada,
em carícias ocultas;
escorre a madrugada!

Noturno

Atrás do poente,
a noite arquiteta ruídos,
imagens sutis,
saudades em si diluídas,
sombrias dormentes!

Trajectoria

Percurso de jornada;
só importa o caminho,
entre a partida e a chegada.

Aroma

Tanto do instante
que há no início do dia;
me é tão posse
quanto a fumaça do café fugidia.

Enlace

Nós somos
só nós.

Mantra

Olhar estrelas
e nelas ver infinitos;
nascimento e morte
em explosões cósmicas
e em todas, princípio.

Rosa dos ventos

Sonhar é sorrir,
da vida o máximo
do mínimo extrair.

Autorretrato

Trilhas na face!
Suporta o tempo
algum disfarce?

Passagem

Na página mergulhado,
asa da ausência minha;
sou tronco na vazante,
rotina imprecisa.
E assim me deixo
lasso e vago entre linhas.

Percurso

Entre a partida e a chegada;
breve instante de tudo;
a memória eterna do nada.

Teoria da recepção

O entendimento,
caro leitor,
destes meus
pequenos versos;
é tão definitivo
quanto Sísifo
alcançando o topo
do mitológico universo.

Mecânica biológica

Paisagem oca;
no som vazio de mil cascas,
um grito de vida
ecoando triste e dormente
enquanto a estação vaza.

Poente

O meu olhar,
dissolvido na linha do horizonte;
atrás do desejo se esconde.

Arrebatamento

Só no momento,
lapso dos tempos;
dos meus pensamentos;
contigo falo, silêncio.

Lua

Barroca pérola;
pelo véu do céu levada.
Brilho que ilumina
minhas infinitas noites,
e as escuras madrugadas.

Legado n.2

Bandeira
e Drummond de Andrade,
Maireles, Pessoa,
Leminski e Melo Neto;
quanto de vocês
se meteram
em linhas minhas
e, sem que eu percebesse,
engendraram meus versos.

Constante

Rio – seca ou enchente;
o curso corre,
vazio ou vertente.

Epifania

Todo poema arde
como um sol pleno,
declinando a tarde.

Êxtase

Quando olho estrelas,
te vejo sorriso;
cós mica essência!

Dimensão

Nem mesmo a madrugada
é tão ampla quanto esta solidão
que a toda amplitude alcança
num abraço de ilusão.

Diálogo

De verso em verso,
por entre signos;
comigo converso
e com o mundo.
Revivo e reverso;
uno e múltiplo,
reunido e disperso,
em signos me acerto.

Poética n. 3

No poema,
o espanto;
e no seu limite,
de linguagem tanta,
no desvio,
seu encanto.

Inexorável

Todo dia,
fugindo das horas
e de sua inexorável agonia;
me recolho e observo
o mundo
e sua banal rotina.
Tento dela escapar,
e nos versos achar
alguma alegria.

Axioma n. 2

Opiniões à parte,
todo olhar se inaugura, sempre,
diante da obra de Arte.

Ideia

Há sempre
um eterno silêncio implícito,
rondando o abismo
dos meus pensamentos.

Percurso n. 2

De asa a asa,
pelo pássaro;
o tempo passa.

Cotidiano

Pés passando;
indo e vindo,
descendo e subindo,
entrando e saindo.
A direção pouco importa,
importa apenas “estar indo”.

Quarar

Um ai de haikai
grita incerto
quarando pelos varais.

Cronologia n. 2

A cada instante,
pelo ponteiro que rola;
impreciso e distante, escapa
um pedaço das horas.

Ocaso

Epifania agora
das cores, que se matando
vão caindo no ocaso.
E diluídas pela linha
tênue do horizonte, vazam.

Deserto

O deserto prospera
em areia, em amplidão.
O deserto é distância eterna
e sua incomensurável solidão.

Física

Uma gota de chuva
balança pela folha
inclinada.
Depois a gravidade,
e seu conseqüente
salto;
abismo inexorável
rumo ao nada.

Noturno n. 2

Entre a manhã clara
e o soturno e fosco brilho
desta madrugada;
minhas saudades caminham
dentro das horas, caladas.

Toada

Trombada após trombada,
a vida me promete, ainda,
uma outra madrugada.

Monotonia

Longa madrugada!
As horas vão lentamente
escorrendo ocas;
evaporam pensamentos
como uma saudade rouca.

Ametista

Do fundo
de seus olhos,
um brilho tênue
se irradia;
tem o reflexo
translúcido
de um geodo
de ametista.

Dúvida linguística

Asa minha,
meu verso
e sonho de poesia;
será que na linha
da página disposta,
sua possibilidade
de alinha?

Direção

Meu signo é o signo.
Por isso transito entre casas,
ruas e istmos;
uns, apogeu, outros declínio.

Travessia

De linha a linha,
velejo pela página;
remando palavras e
suas sonoras sílabas.

Momento

Na tarde que vai,
um lamento doce arde,
enquanto veleja
pelo desejo ocultado,
a sombra do beijo calado.

Instante n. 2

Momento algum
tem a exata dimensão
do instante do agora;
pois dentro dele reside
o eterno silêncio das horas.

Quimera

Invento mundos
num discurso imaginário;
peixe sonhando ar,
a si mesmo contemplando,
pelo reflexo do seu aquário.

Destino

Amor, não que me seja sorte;
mas que apareça de repente,
como um sol cruzando os céus,
entre o sul e o norte.

Transcurso

Pela estação oca,
cigarras cantam momentos;
sinfonias suicidas,
com que louvam em cânticos
a brevidade da vida.

Bio

Luz, clorofila.
De gota a gota,
vertendo vida;
molécula a molécula,
caminha.

Instante n. 3

Silêncio das horas;
incerto e perdido agora.
Pela noite vai,
meu triste e ausente choro,
nafragando de porta em porta.

Instante n. 4

No relógio mora,
entre os instantes das horas,
saudades silentes
que evaporam lentamente
na madrugada natimorta.

Rio-tempo

Além do agora;
tuas águas lentas
na superfície do momento,
me levam,
inexoravelmente,
todas as horas.

Lição

Me ensina Drummond
com suas rimas,
que o mundo é vasto
e infinita, a poesia.

Futuro

Aqui e agora,
esse presente,
que lenta e infinitamente,
pela corrente do tempo
se desenrola.

Origami

Dobrei e desdobrei as palavras,
em quantas formas pude.
Ilusão minha!
Palavra alguma
à ideia perfeita alude.

Talvez

Nem tudo na vida
está certo ou errado,
há também as coisas loucas
que nos deixam
num “talvez” naufragados.

Artefato

Dos versos que rimo,
pouco sobra de artefato;
uns ficam no esquecimento,
outros se perdem em meio ao ato.

Pixel

Mira
e pisca,
pixel
a pixel,
a imagem
fixa.

Poeticamente

a rima a sina a linha reta
a ânsia a inconstância
a palavra deserta
a pedra rolada
dia a dia ladeira acima
na tentativa de ser poeta

Nostalgia

Vento de esquecimento,
ladeando a rua incerta;
depois da palavra, o verso
e após o poema,
a noite deserta.

Destino n. 2

Sob o sol, a saudade;
misto de tristeza,
e prenúncio de ansiedade.

Poética n. 4

Assim se me parece a poesia;
chuva caindo na madrugada,
tilintar de gotas pelas telhas,
e silêncio que grita
pela rua vazia.

Luar

Na lâmina fina
da lagoa cristalina;
uma lua flutua
e segue além
em oblíqua linha.

Te(n)são

Na folha
inscrito;
meu verso
vive sempre
em contradição.
Será ele
delírio, ou simplesmente
é te(n)são?

Soturno

Brilho tênue das estrelas,
pela noite enluarada;
uma coruja pia ao longe,
acordando a madrugada.

Ser poeta

Dizem que a loucura
é o destino certo de todo poeta.
Que o hospício me aguarde!
Sigo sempre pelas curvas,
nessa direção reta.

Ausência n. 2

Tudo é ausência e silêncio,
na noite que jamais termina;
e uma certeza impera fremente
lembrando, sempre,
do que é feita a vida.

Coisa breve

O que se tem?
O que se perde? Importa?
Toda posse é coisa breve.

Signo

À margem da palavra,
seus sentidos;
pensamentos não moldados,
raciocínios não paridos.
E, em suas múltiplas possibilidades,
em todas elas,
de ser signo.

Oceano

Entre a barca
e a maresia,
navegam sonhos,
que depois
de tantos (eng)anos,
naufragam
como utopias.

Rotina n. 2

A vida,
a ida,
a vinda,
o dia:
as dívidas.

Oceano n. 2

As águas e sua imensidão,
num acúmulo de anos,
em rios ausentes navegam
pela escuridão.

Desejo n. 3

Voo de aves de arribação
cruzando o céu;
numa instintiva direção;
acendem em meu peito
a vontade aérea,
e a liberdade em explosão.

Noturno n. 3

Lua crescente
na retina
do meu olho:
o que olho
e vejo é astro
ou consolo?

Delírio

Todo sonho é insano,
como infindável
é o oceano;
e como as eras
se sucedem
ano após ano.

Cronos

Meus olhos,
como Saturno,
veem o momento
em dois tempos.
Um é lembrança
que sempre paira,
como se fosse
tormento.
O outro é desejo,
momento não nascido,
vislumbre de um passado
veio de esquecimento.

Enleio

Sempre à espera,
em cada nova estação,
meu coração
sempre levantando voo
como ave de arribação.

Caminhada

O pó, pela beira
na estrada incerta,
é trilha não calculada,
via deserta; infinita calçada.

Metamorfose

A lagarta tece de seiva
seu metafórico casulo.
E eu tento, também,
com palavras, arquitetar
essa estrutura
que de signos permitam
da linha a altura.

Oriente

Na ponta da ponte,
o poente;
ponto posto passagem
entre o igual e o diferente,
entre a paisagem e o ente.
Porto e mirante,
fronteira possível
entre o aqui
e o que está além, oriente.

Sentença

Nenhum silêncio me basta
quando de mim
a palavra se afasta.

Cosmologia

Em nós arde,
como no cosmos,
essa chama
que a tudo consome,
num brilho de supernova.
Chama que da morte
constrói novas chamas
e num processo contínuo,
mudança clama.

Estado emocional

Nosso desejo
é retalho
sobre uma colcha
tecida;
ele não é voluntarioso,
nem ao menos gozoso,
é tão simplesmente
lascívia.

Urber

A cidade,
ah! cidade,
à cidade;
os sonhos que se foram,
e as decepções do dia-dia.

Constatação n. 2

Na solidão da rua deserta,
vagam meus passos indecisos
pela amplitude reta.
E a noite se tece
como sinfonia inaudita e inquieta;
enquanto as horas lentas
lembram uma ausência certa.

Futuro do pretérito

Quem sabe
essas minhas fobias,
um dia se transformem
em fagias, em euforias;
e de epifania em epifania;
traduzam-se, quem sabe,
em poesia.

Embate n. 2

Meu pensamento,
sempre em tormento,
a todo instante batalha
com o monstro
do esquecimento.

Constante n. 2

Tudo passa como rio;
às vezes mansamente,
noutras, em desvario.

Esperança

Paisagem vazia...
Quem sabe as horas
me mostrem,
no transcorrer do dia
alguma alegria.

Anseio

Que assim seja minha poesia,
como um brilho fátuo de aurora
inaugurando um novo dia.

Esperança n. 2

Minh'alma desassossegada
caminha pela tarde vazia;
quem sabe o trajeto,
e sua jornada,
se tornem um dia poesia.

Transitoriedade

Poema;
frágil construção,
um dia apogeu e glória,
noutro lamento e decepção.

Abismo

Sempre me fica na boca
um gosto azedo de papel
quando os versos que penso
não se orquestram na linha
e tornam-se simplesmente babel.

Intermitência n. 2

Mesmo parado,
o relógio na parede
marca sempre
o tempo do meu passado.

Futuro n. 2

Cada cabelo branco
que acho me é espanto,
quanto durarei eu
por quanto?

Estação

Pelo chão,
sob as paineiras,
o inverno escreve poemas
com palavras simples,
rimas rasteiras.

Putas vadias

Algumas palavras
se mostram reais
e dotadas de virtudes da vida;
outras são putas loucas,
e só se prestam a coisas vadias.
É nessas últimas
que encontro encanto,
é nelas que tenho acolhida.

Sabedoria

Sábios eram meus pais
que souberam, aos poucos,
me fazer ver além,
das rasteiras mangueiras
que cobriam nossos quintais.

Moira

Cloto e Láquesis
me tecem
e alinham os dias;
mas depois da tarde,
Átropos me aguarda,
inquestionável,
na noite e (com) sua lâmina fria.

Navegação

Palavra vem,
palavra vai.
Na linha do porto-folha
fica sempre um ai de cais.

Um dia

Um dia,
tal qual leminski,
talvez eu seja poeta!
Aí, então, morrerei por certo
de tanto andar em linha reta.

Aprendizagem

Dos versos que faço,
poucos, ou quase nenhum,
será poesia;
mas sua escrita me ajuda,
todos os dias
a suportar um pouco mais a vida.

Imortalidade

Os grandes poetas mortos,
mortos estão?
Que saiba, não.
Suas almas foram tecidas
em seus versos, em poesia
e isso é que clareia o horizonte
e torna mais suportável
o longo dia.

Perspectiva

Do alta desta montanha,
o quanto se vê,
o quanto se sonha;
é medida da vida,
força tamanha.

Noturno n. 4

A noite se me é encanto
quando desenha estrelas na vista,
elas me iluminam o olhar
e a ansiedade de sonhos futuros
dissipa.

Interrogação

Vento de lembrança
quarando a alma minha;
que tempos serão os futuros
e que possibilidade
neles se alinha?

Constância

Tic tac cessado,
mesmo parado
todo relógio
marca sempre
que estou atrasado.

Possibilidade

Cada cabelo branco,
escrito pelo caminho,
é memória dos anos
que matura o sabor
ou azeda o vinho.

Oferta

Ah! Margaridas,
um dia hei de sacrificá-las
tentando entender a vida.

Projeto

Quero a palavra
que a não reta,
que a não vestida de mais-valia.
Quero a palavra nua,
em si despida;
a palavra recém-nascida
de si e por si
feita sem ser sob medida
e que na linha se desenhe
como sentido possível,
poesia.

Pode ser que sim, uma obra possa ser um projeto pensado, e Carlos Alberto Suniga dos Santos venha desafiando algo sólido por puro planejamento. De todo modo, “Alguns haicais (ou quase)... e outros poemas curtos”, como sempre, irá demarcar mais um posicionamento na poesia produzida e consumida no Norte, como em todo Brasil, e deve ser lida e apreciada em sua totalidade.

Rômulo Giácomo de Oliveira Fernandes

**(Professor Dr. da Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
campus de Vilhena/RO.)**

